

Solução para o desemprego: a recuperação de nossas empresas.

Sérgio Leopoldo Rodrigues

206,9% de inflação a desemprego.

Essa é a equação apresentada pelo secretário Estadual do Trabalho, Almir Pazzianotto Pinto, e ratificada pelas mais representativas lideranças empresariais da indústria paulista. Pazzianotto é claro: "Há mais de um milhão de desempregados na Grande São Paulo e isso poderá crescer ainda mais". E incisivo: "Não há outra saída que não seja a reativação imediata da iniciativa privada".

Paulo Francini, diretor do Departamento de Economia (Decon) da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) observa que a recessão compromete o nosso parque industrial e alerta que uma queda na inflação, da maneira monetarista como está sendo implementada, poderá acarretar mais desemprego.

Carlos Eduardo Uchoa Fernandes, diretor do Departamento de Estatística (Decad) da Fiesp, com os números nas mãos, confirma o temor de Francini e adverte que, depois de alguns índices de desemprego na indústria favoráveis no mês de novembro (que se encerrou com uma queda de -0,21%, ou menos 3.550 empregos na indústria) — e essa tendência deverá se manter em dezembro, esclarece Uchoa Fagundes, devido aos recentes dissídios coletivos e à ligeira reativação do comércio, ainda que psicológica, provocada pelo Natal — novas e pesadas demissões já são comentadas no meio empresarial, tendo em vista o início do próximo ano.

Os dados mais recentes do Decad dizem que a quarta semana de novembro passado fechou com um índice de nível de emprego de +0,03%, ou 450 empregos a mais na indústria. Uchoa Fagundes recorda os índices das três primeiras semanas desse mês, respectivamente: -0,20%; -0,08% e +0,04% na terceira; e ressalta que o saldo ainda negativo para novembro eleva para -7,30% o saldo negativo dos 11 meses deste ano. Isso é igual a 121.450 desempregados.

O diretor do Decad apresenta ainda outro número — o acumulado de queda de emprego na indústria paulista desde o ano base de 1980, quando a indústria de transformação ocupava cerca de dois milhões de trabalhadores: -21,73, ou 436.800 empregos a menos. Somado com o mês de dezembro ele estima que o ano deverá terminar com um índice semelhante de queda de emprego.

Para Carlos Eduardo Uchoa Fagundes a "bola de neve" do desemprego cresceu (e cresce) à medida em que a perda, cada vez maior, do poder aquisitivo da classe média (via Decreto-Lei nº 2.065, aumento de impostos, etc.) impede o consumo e desativa a indústria, que é obrigada a desempregar ainda mais. Nisso, acrescenta, há o aspecto psicológico do medo do desemprego (para quem está empregado) que reduz ainda mais a demanda (procura) de consumo.

Quanto à inflação, Uchoa Fagundes ressalta que está ocorrendo um caso atípico, "porque normalmente ela cria uma certa euforia de negócios, já que ninguém quer ficar com dinheiro parado nas mãos; gera, inclusive, mais consumo". No entanto, observa, isso não está ocorrendo, "o que faz lembrar, cada vez mais, que cada trabalha-



Pazzianotto



Francini

dor é um consumidor". Ele acrescentou que o setor de Bens de Capital e de Consumo (especialmente eletrodomésticos) "tem sentido os efeitos dessa inflação e de queda de consumo na própria carne". No caso dos eletrodomésticos, especialmente, "porque muita gente acaba adiando a compra".

Convivência impossível

Francini, por sua vez, acha que essa inflação já "estava desenhada há muito tempo". E diz que é um índice com o qual é "quase impossível conviver, pois desorganiza a economia doméstica, a economia da empresa e as relações entre setores". Francini não esconde que uma queda na inflação já está sendo verificada — "8,4% em novembro é melhor que os 14% de outubro..." — mas acha que o momento não é para otimismo, e sim de esperar que o nível baixe ainda mais, "quem sabe para patamares mais suportáveis, como 70%, 75%". Ele explica por que não está confiante que uma queda da inflação, no próximo ano, represente menos desemprego:

— Temo até — frisou o diretor do Decon — que uma curva inflacionária a descendente represente uma ascendente no desemprego, porque uma queda brusca na inflação pode significar uma recessão profunda na economia.

Segundo Francini, tudo está interligado. "A fórmula monetarista de combate à inflação é realmente de submeter a economia a um forte choque recessivo, o que pode resultar em aumento da taxa de desemprego." A saída desse círculo vicioso, para ele, é a mesma apresentada pelo secretário Almir Pazzianotto e pelas lideranças empresariais: aquecer a economia, gerar negócios e empregos.

O presidente da Fiesp, Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, em seu constante entusiasmo, prevê que os resultados no nível de emprego obtidos neste final de ano (queda relativamente baixa) deverá manter-se pelo primeiro semestre de 1984. O diretor do Decad, no entanto, tem ouvido o contrário dos empresários: que as dispensas deverão crescer (e muito) no início do ano, se nada de novo em termos de reativação ocorrer.

Vidigal afirma ainda que a indústria deverá crescer não mais que 2% no próximo ano, enquanto projeções da própria Fiesp falam de -3,0%. Afinal, ele está de acordo com Francini quando reconhece que esse crescimento não significará um aumento no nível de emprego.

Solução fora do Estado

O secretário Almir Pazzianotto também acha que, se a economia privada não for

reativada, o desemprego deverá crescer no próximo ano. Segundo observou, "as empresas e os setores, principalmente o de transformação e a construção civil, chegaram a um ponto de limite nos seus quadros", mantendo apenas os funcionários realmente indispensáveis.

Calculado em todos os dados disponíveis, fornecidos pela Fiesp, Dieese, IBGE e Seade, Pazzianotto coloca uma questão que poderá agravar a situação já em janeiro próximo: o fim da safra do açúcar. Ele reconhece que os dados de desemprego no interior, principalmente, na agroindústria, são escassos. Buscando fazer um balanço dessas zonas, Pazzianotto já enviou um documento para todas as empresas agroindustriais, especialmente para as de álcool e açúcar, a fim de verificar e obter projeções do comportamento desse segmento. As respostas já começaram a chegar e estão sendo entabuladas pela sua Secretaria.

Estes são alguns dados preliminares que mostram que o desemprego também está atingindo a agroindústria: a Central Paulista de Jaú (açúcar e álcool) teve de demitir 160 trabalhadores; a Diamante de Jaú demitiu outros 101 e deve cortar mais cem; a Usina da Barra (Barra Bonita), com oito mil empregados, estima em cem suas demissões; a Usina Santa Adelaide deve demitir 235 e há uma série de outras usinas que ainda não fizeram suas previsões.

Almir Pazzianotto diz que tem feito todo esforço no sentido de reter esse pessoal empregado o maior tempo possível. Ele adianta que o Estado não pode ser responsabilizado por essas demissões e que não tem capacidade de prover empregos para tanta gente. E apresenta uma solução, a única, a seu ver:

— É necessário reativar a economia para que a iniciativa privada possa absorver essa gente, e os milhares de profissionais especializados que dependem da indústria.

O secretário do Trabalho apresenta dados da Fundação Seade que considera "alarmantes". Por exemplo: de janeiro a agosto deste ano houve uma redução de 44,8% no nível de emprego na "área de produção", na região da grande São Paulo. Nesse mesmo período, houve uma redução de 28% nos empregos técnicos, o que significou, ainda, uma retração de 23,3% na área administrativa, ou 8,7% no setor de vendas. No global, segundo os dados da Fundação Seade, extraídos da revista Exame nº 286, houve uma retração de 27,8% em relação aos mesmos oito meses de 1982.

Outros dados apresentados por Almir Pazzianotto — tirados do Centro de Informática e Análise, do IBGE — mostram que de um total de 12.277.000 habitantes que constituem a PEA (População Economicamente Ativa) 874.100 estão desempregados; 673.900 subempregados e 149.300 são biscateiros. Em São Paulo, isso quer dizer há 378.100 desempregados; 148.700 subempregados e 52.300 biscateiros. Mas Almir faz várias ressalvas e críticas à metodologia adotada pelo IBGE para apurar esses números, entre elas, o fato de que "quem tem 15 horas de trabalhos semanais faça parte da PEA".